

Introdução a
Afinidades não eletivas
A propósito do livro de Olivier Besancenot
e Michaël Löwy

Para um diálogo sem frases vazias entre libertários e marxistas

Versão francesa: Éditions du Monde libertaire/Éditions libertaires

René Berthier

Olivier Besancenot e Michaël Löwy publicaram um livro intitulado *Afinidades revolucionárias, as nossas estrelas vermelhas e negras*, que visa destacar as “alianças e a solidariedade” entre o movimento libertário e o movimento comunista.

Os dois autores querem “lançar luz sobre este lado ignorado, muitas vezes deliberadamente, que revela a fraternidade de suas lutas”. Parece-me ser uma excelente ideia.

O presente trabalho, no entanto, não é, estritamente falando, uma resposta às *Afinidades revolucionárias*: de fato, pareceu-me muito difícil responder aos pontos de vista abordados por Besancenot e Löwy porque sua argumentação é muito alusiva e vaga, baseada em uma apresentação extremamente aproximada

dos fatos. Portanto, ao invés de responder, eu simplesmente escolhi abordar os mesmos fatos, as mesmas perguntas, mas à nossa maneira: o leitor fará de si mesmo uma idéia.

Sempre que o marxismo está em crise, ele escolhe entre duas atitudes, dependendo do caso:

1. Para fazer esquecer as experiências concentracionárias do “marxismo real”, os autores marxistas voltam atrás e tentam apresentar o marxismo como um “humanismo”; eles então se referem aos textos juvenis de Marx, os “Manuscritos de 1844”, esquecendo que seu autor rejeitou categoricamente o humanismo após a feroz crítica que Max Stirner fizera em 1845.

2. Eles se esforçam para dar ao marxismo um polimento libertário, eles tentam amansar os anarquistas dizendo: “Não somos assim tão diferentes”. Então, eles se referem a dois documentos que estão em meus olhos falsificações históricas: *A Guerra Civil na França*, de Marx (maio de 1871) e *O Estado e a Revolução* de Lenin (novembro de 1917).

O primeiro livro é um texto oportunista escrito na época da Comuna de Paris – um texto em que Marx pretende adotar uma abordagem federalista, enquanto que ele sempre atacou ferozmente o federalismo: Marx *odiava* o federalismo. Segundo ele, era uma forma política que era uma relíquia da Idade Média. Em várias ocasiões insultou os seus correspondentes, chamando-lhes “federalistas”.

O segundo livro, escrito em um momento difícil em que Lenin precisava do apoio dos anarquistas russos, não faz concessões sobre o que ele realmente pensa, mas deu ao leitor superficial a impressão do contrário. Quando o livro foi

publicado, muitos anarquistas e sindicalistas revolucionários franceses acreditavam que Lenin era um anarquista.

A crise que o marxismo revolucionário atravessa hoje é um efeito colateral da crise do marxismo em geral. O colapso da URSS privou muitas pessoas de um modelo. Já ninguém pensava que este modelo era perfeito, mas continuava a ser um modelo. A tese do “Estado operário degenerado”, caro aos trotskistas, também entrou em colapso, assim como a idéia de que a revolução mundial estava próxima porque, nos disseram, “as forças produtivas” haviam “parado de crescer”.

Em suma, bastava fazer na União Soviética uma revolução política, não uma revolução social: substituir os burocratas por verdadeiros revolucionários (trotskistas, se possível).

É verdade que a perda da hegemonia marxista poderia ter sido um fator que permitiu o diálogo. Este fato é particularmente visível, na prática, pelos militantes libertários da CGT francesa, por exemplo; mas a maior tolerância ao anarquismo ou anarco-sindicalismo é também consequência da “crise da militância”, o que significa que o que resta dos núcleos comunistas na Confederação é forçado a ser mais complacente.

Mas isso também pode ser visto na teoria, como aponta Tomás Ibáñez:

“Esta recente abertura do marxismo ao anarquismo provavelmente responde ao fato de que as últimas cinco ou seis décadas têm sido mais devastadoras para algumas de suas suposições do que para as dos anarquistas. ¹”.

1 Tomás Ibáñez,

http://www.fondation-besnard.org/IMG/pdf/Il_faut_imaginer_Sisyphes_heureux.

É verdade que muitos libertários podem ter pensado após o colapso da URSS que o movimento anarquista seria finalmente capaz de se expressar, de se desenvolver. O comunismo, que tinha fornecido às massas populares um futuro radiante e ilusório, foi muitas vezes designado pelos anarquistas como o principal obstáculo ao desenvolvimento do anarquismo. Foi uma atitude confortável que evitou questionar as causas internas do baixo desenvolvimento do movimento.

Agora que a União Soviética estava definitivamente derrotada, o caminho estava aberto, pensou-se, para o desenvolvimento de uma verdadeira alternativa anarquista ao capitalismo. No entanto, era preciso dizer que a natureza confidencial do anarquismo persistiu, ainda que mantivesse continuidade histórica em muitos países, inclusive na América Latina, onde sofreu uma terrível repressão durante o período das ditaduras. Em outras palavras, os anarquistas ainda têm de analisar por que o colapso do comunismo soviético beneficiou seu movimento tão pouco – ou nada.

Em geral, podemos pensar que os social-democratas de esquerda – os marxistas revolucionários – já entenderam que nunca mais retomarão o Palácio de Inverno; e que os libertários entenderam que nunca mais voltarão a fazer as coletivizações de 1936-39 na Espanha. Embora muitos ativistas de ambas as correntes tenham vivido por muito tempo em um delírio de identificação com seus respectivos modelos, acho que podemos dizer que esse período definitivamente acabou.

As diferentes variedades do marxismo revolucionário, especialmente os trotskistas, tentaram adaptar-se. De certa forma, os trotskistas adaptaram-se melhor aos novos tempos do que os anarquistas. Eles voltaram ao seu modelo original:

tornaram-se social-democratas, mas um ou dois entalhes mais à esquerda do que a social-democracia “ordinária”.

Eles se tornaram um pouco atolados na política parlamentar: como Marx, eles pensam que não há política exceto na participação no jogo eleitoral, eles pensam que o movimento revolucionário é apenas “visível” em sua participação em campanhas eleitorais, por falta de estar visível no próprio Parlamento. Ouvimos frequentemente os activistas queixarem-se de que a sua actividade é definida apenas por prazos eleitorais. Uma eleição passada, tens de preparar a outra.

Quando Marx culpou os federalistas da AIT pelo seu “apolitismo”, na verdade culpa-os pela sua rejeição da acção parlamentar, que, em seu entender, era a única forma de acção política que pode ser considerada. Claro, os marxistas revolucionários de hoje dizem que eles só concorrem às eleições porque é a maneira de fazer sua voz ser ouvida, de fazer propaganda. Note-se que, inicialmente, todos os sociais-democratas revolucionários do século XIX diziam que a participação nas eleições parlamentares era apenas um meio de propaganda.

Quanto aos anarquistas, eles foram incapazes ou não quiseram redesenhar em grande escala o modelo anarco-sindicalista. A supremacia do modelo social-democrata, mesmo colaboracionista entre “parceiros sociais”, dificulta seriamente qualquer perspectiva de emancipação e saída do capitalismo.

Uma exceção, no entanto: Espanha (novamente!). Uma organização anarco-sindicalista foi reconstituída após a morte de Franco, mas em uma base muito mais estreita do que na década de 1930.

Responder a Besancenot & Löwy apresenta uma dificuldade metodológica real, porque seu trabalho é uma longa série de

aproximações descontextualizadas, afirmações acaloradas e adoçamento dos fatos, a fim de poder apresentar a todo custo a ilusão de afinidades entre o marxismo e o anarquismo. *Afinidades revolucionárias* procura atenuar as críticas aos anarquistas, atenuar as diferenças – o que é desconcertante para nós porque não estamos acostumados a isso! Mas o seu livro também busca diminuir a responsabilidade dos comunistas em todos os episódios em que eles usaram a repressão contra a classe trabalhadora. Kronstadt? sim, foi um “erro e uma falha”, mas não houve escolha, foi isso ou abrir a porta para a reação – uma afirmação perfeitamente questionável.

A satisfação das exigências dos marinheiros de Kronstadt (que incluíam a igualdade das rações alimentares entre bolcheviques e não-bolcheviques ...) não teria causado um influxo de reação, mas, ao contrário, uma extensão da dinâmica revolucionária em toda a Rússia. e a menor tentativa de reação, interna ou não, teria recebido uma levée em massa comparável à de fevereiro de 1792 na França revolucionária (ver nota 56). Mas é certo que o partido bolchevique teria perdido o monopólio do poder, que os bolcheviques queriam evitar a todo custo.

Houve períodos durante os quais as duas correntes – anarquista e comunista – colaboraram. E foi mais frequentemente os anarquistas que colaboraram com os comunistas do que o contrário. Há também muitas inter-relações teóricas, muitas vezes ignoradas por ambos os lados. De fato, é impossível responder a Besancenot & Löwy porque ler seu livro é como entrar em uma névoa espessa.

É extremamente frustrante ter de dedicar dez páginas de explicações para contrariar dez linhas de aproximações ou de mentiras.

Assim, em vez de examinar ponto por ponto todas as passagens questionáveis do livro de Besancenot e Löwy, pensei que seria mais útil lidar com os mesmos pontos e compará-los com outra visão da história, a nossa própria.

Um exemplo entre muitos outros: no capítulo sobre a revolução russa, podemos ler: “Em outubro de 1917, os soviétes, tendo tomado consciência de sua própria força, suplantaram o poder institucional e tomaram o poder ². Duas páginas depois aprendemos que “a insurreição, organizada pelos bolcheviques, dá (*sic*) poder ao 2º Congresso de Soviétes da Rússia”...

Estas declarações são contraditórias: (a) os soviétes tomaram o poder; (b) os bolcheviques deram o poder aos soviétes. É um ou outro, tens de escolher.

Além disso, tais declarações são totalmente falsas, são até escandalosamente desonestas: a realidade é que a insurreição de outubro de 1917 foi precisamente destinada a *impedir* que o 2º Congresso dos Soviétes tomasse o poder, como veremos. De facto, o que aconteceu foi que os soviétes tinham decidido tomar o poder no seu 2º Congresso a 25 de Outubro. Mas aqui está: embora os bolcheviques estivessem numa boa posição em muitos sovietes, Lenine queria obsessivamente que o partido bolchevique tomasse o poder, *antes* do Congresso Soviético. Há inúmeras cartas de Lenine ordenando aos bolcheviques que tomassem o poder *antes do 2º Congresso dos Soviétes*, acusando-os de traição se não o fizessem.

Por conseguinte, é suficiente consultar os textos da época escritos pelos protagonistas para ter uma ideia do que realmente aconteceu. Estas são chamadas de fontes primárias,

2 P. 105.

que só por si nos permitem reivindicar uma abordagem histórica e racional.

Algumas das questões abordadas na *Afinidades Revolucionárias* são, na minha opinião, de pouco interesse. Por isso me concentrarei apenas nas questões que considero essenciais. A “Carta a Louise Michel”, embora comovente, não é muito importante no debate, exceto para mostrar que Besancenot está de uma forma ou de outra ligado pessoalmente, através de sua avó, ao caráter mítico da Comuna. Isso não cria “afinidades” com o anarquismo.

Besancenot parece estar familiarizado com a referência à sua avó, já que a mencionou durante uma viagem ao México. O mesmo vale para os outros personagens mencionados no capítulo “Retratos”, cujo único propósito, em minha opinião, é encontrar conexões entre o marxismo e o anarquismo onde não há nenhum: Rosa Luxemburgo odiava os anarquistas, Pierre Monatte havia negado o anarquismo há muito tempo quando se juntou ao Partido Comunista em 1923, depois de ter traído o sindicalismo revolucionário³. Além disso, trazer Emma Goldman e Durruti de volta ao marxismo requer muita imaginação: a única atração que estes dois personagens podem ter do ponto de vista marxista é que a primeira foi durante um tempo enganada pela ilusão do bolchevismo e o segundo

3 “Quando foi privado da sua bússola libertária, o sindicalismo revolucionário deslocou-se. Fritz Brupbacher, revolucionário suíço e amigo de Pierre Monatte, lembra em seu livro *Sessenta anos de heresia* que o criador da *Vie ouvrière*, depois da revolução russa, “havia adotado a idéia do Estado como Lenine a definiu em seu livro *O Estado e a Revolução*” e que, “em 1921, Monatte pensou que o PC era talvez esta minoria dominante” que deveria liderar as massas, a minoria ativa que o sindicalismo tentou criar na França, sem sucesso.” Jacques Toublet, “Considérations sur l’anarcho-syndicalisme” in *Anarcho-syndicalisme & anarchie* (Réponse à Murray Bookchin), ACL, p. 84. Jacques Toublet, “Considérations sur l’anarcho-syndicalisme” in *anarcho-syndicalisme & anarchie* (Réponse à Murray Bookchin), ACL, p. 84.

proporciona (através dos “Amigos de Durutti”) uma oportunidade para criticar a CNT espanhola.

Quanto ao Subcomandante Marcos, acho que Besancenot não está ressentido, porque quando foi ao México em dezembro de 2008 para o “*Festival Mundial da Digna Raiva*”, os zapatistas o fizeram perceber que não era bem-vindo em Chiapas porque havia participado de um encontro com o PRD (Partido da Revolução Democrática), um partido de “esquerda”, membro da Internacional Socialista, mas que os zapatistas consideram um de seus inimigos porque, ao lado dos outros partidos “grandes”, sempre apoiou a repressão do Estado contra as revoltas indígenas e populares.

Quem é o público das *Afinidades revolucionárias*? O nível do discurso é muito básico: o livro não procura demonstrar, mas afirmar uma série de coisas que deveriam indicar que há um possível acordo entre anarquistas e marxistas.

Parece-me óbvio que Besancenot & Löwy se dirigem a um público proveniente dos vastos movimentos sociais da década de 1990 que desenvolveram práticas descritas como “libertárias”: assembléia, rejeição partidária, oposição às hierarquias sindicais, anti-globalização, etc. A extensão significativa de movimentos de protesto organizados de forma “horizontal” e opostos à sua recuperação pelos partidos políticos também pode ser um “alvo” para *Afinidades Revolucionárias*. Talvez o livro também aborde uma franja de militantes do movimento anarquista organizado. Mas o livro pode ter uma função no complexo funcionamento interno das tendências que percorrem o NPA.

Tomas Ibanez se refere corretamente ao “anarquismo extramuros” para se referir às “enormes manifestações anti-globalização no início dos anos 2000 ou no movimento de 15

de maio de 2011 no seu início, ou em Occupy Wall Street, ou na Praça Taksim em Istambul. Em todos esses movimentos, que seria muito abusivo qualificar de anarquistas, havia princípios antihierárquicos, práticas não autoritárias, formas horizontais de organização, e também o uso da ação direta, hostilidade ao exercício do poder e desconfiança em relação a qualquer tipo de vanguardismo ⁴.”

Em suma, as “coisas reais” acontecem fora de todas as organizações revolucionárias “oficiais”, incluindo os anarquistas, e é aí que devemos ir buscar as tropas da organização revolucionária de amanhã, da mesma forma que os comunistas da década de 1920 foram ao movimento sindical para procurar recrutas para o partido. Tomas Ibanez sempre comenta com razão:

“Eu ficaria muito mais tranquilo se os esforços daqueles que aspiram a uma grande organização anarquista fossem para desenvolvê-la, para construí-la, ganhando novos espaços e uma nova militância, em vez de usar o que já existe, o anarquismo atualmente ativo, para reestruturá-la, com o risco de impedi-lo, mesmo destruindo-o, esse anarquismo que proliferou sem ter necessidade de uma organização forte do tipo usual ⁵.”

4 Charla/Debate con Tomás Ibáñez y Carlos Taibo: Actualidad del anarquismo, http://www.fondation-besnard.org/IMG/pdf/Debate_Actualidad_del_anarquismo_08-05-15.pdf.

5 Me quedaría mucho más tranquilo si los esfuerzos de quienes anhelan una gran organización anarquista se dirigiesen a desarrollarla, a construirla, ganando nuevos espacios y nueva militancia, en lugar de echar mano de lo ya existente, del anarquismo actualmente activo, para reestructurarlo, con el posible riesgo de entorpecer, o incluso de destruir, ese anarquismo que ha proliferado sin necesitar para nada una fuerte organización al estilo clásico.

http://www.fondation-besnard.org/IMG/pdf/Debate_Actualidad_del_anarquismo

A argumentação de *Afinidades revolucionárias* permanecem constantemente no nível do discurso político elementar, acessível a um público cuja formação política não lhe permite ter uma visão crítica do seu discurso. No entanto, sobre a questão das “afinidades” entre o marxismo e o anarquismo, haveria muito a dizer sobre a gênese e as inter-relações teóricas entre essas duas correntes: o problema é que, nesse sentido, o marxismo é muito devedor do anarquismo, e não tenho certeza de que Besancenot & Löwy estejam tão interessados em expandir essa questão.